

A polêmica como contradiscurso em enunciados religiosos: uma leitura bakhtiniana

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v51i2.3325>

Pedro Farias Francelino¹

Wilder Kleber Fernandes de Santana²

Resumo

Objetivamos, neste trabalho, analisar como o (contra)discurso de um grupo cristão protestante valora/refrata a atual realidade sócio-histórica brasileira mediante polêmica travada com o discurso desse mesmo segmento religioso. Para isso, refletimos sobre o movimento dos pontos de vista que se (re)encontram no enunciado verbovisual midiático postagem de Facebook com temática político-religiosa, produzido por um pastor protestante e publicado em uma de suas redes sociais. Trata-se de um estudo de natureza bibliográfica e documental, com abordagem qualitativa dos dados. Fundamentamo-nos, para essa finalidade, em algumas noções formuladas por Bakhtin (1929, 1963), tais como, relações dialógicas, discurso bivocal, polêmica aberta e polêmica fechada, dentre outras necessárias nessa articulação, buscando compreender os embates ideológicos travados entre cristãos de perspectivas político-ideológicas antagônicas.

Palavras-chave: discurso religioso; polêmica; enunciado midiático.

1 Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, Paraíba, Brasil; pedrofrancelino@yahoo.com.br; <https://orcid.org/0000-0001-6945-1940>

2 Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, Paraíba, Brasil; wildersantana92@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0001-7569-499X>

The polemic as counterdiscourse in religious utterances: a Bakhtinian perspective

Abstract

In this study, we aim to analyze how the (counter)discourse of a protestant Christian group values/refracts the currently Brazilian social-historical reality in the face of the polemic generated by the discourse of the same religious segment. For this purpose, we reflect on the movement of the consciences that (re)encounter in the media's verbal-visual utterance in a Facebook post with a political-religious theme, produced by a protestant minister and published on his social network. This is a bibliographic and documentary study with a qualitative approach to the data. To this end, we are based on some ideas formulated by Bakhtin (1929, 1963), such as dialogic relations, bivocal discourse, open polemics and hidden polemics, among others required in this articulation, in an attempt to understand the ideological clashes between Christians with antagonistic political-ideological perspectives.

Keywords: religious discourse; polemic; media utterance.

Introdução

O período pós-eleições de 2018, no Brasil, ficou marcado, do ponto de vista histórico e político, como um ano de conflitos ideológicos divergentes entre posições axiológicas antagônicas quanto à agenda político-econômica e sociocultural de nosso país. Esse clima de polarização veio se ampliando e acirrando ainda mais os ânimos entre aqueles que pensam um Estado mais conservador e outros que defendem uma cosmovisão mais progressista de nação. No contexto religioso cristão (católico ou evangélico/protestante) desse período – que é a esfera de uso da linguagem que nos interessa nesta reflexão – a situação não é diferente, pois é visível um horizonte social tenso entre segmentos que divergem categoricamente acerca de diversos assuntos pertinentes ao sistema político vigente. Essa atmosfera é refratada na mídia virtual sob diversas formas discursivas – verbais, visuais ou verbovisuais – que delimitam fronteiras rígidas quanto a pontos de vista polarizados, sendo um deles – o do grupo minoritário – reificado e tornado objeto da consciência de um grupo considerado hegemônico.

Nosso intuito, neste trabalho, é o de discutir como a contrapalavra desse grupo cristão periférico, que concebe uma proposta diferente e divergente de país da que está em curso, valora/refrata o contexto social brasileiro contemporâneo mediante análise da polêmica estabelecida no discurso religioso cristão autoconsiderado verdadeiro, fundamentado numa moral e ética conservadoras, e ao qual se contrapõe por meio de um projeto enunciativo cujos tons emotivo-volitivos são críticos, às vezes, mais agressivos, com tonalidades irônicas, sarcásticas e/ou satíricas.

Nossa reflexão está amparada em algumas noções específicas formuladas por Bakhtin em alguns de seus escritos, mais especificamente, em textos como *Problemas da obra de Dostoiévski* (1929) e *Problemas da poética de Dostoiévski* (1963), tais como, relações dialógicas, palavra bivocal e outras noções relacionadas a essa temática. Especificamente, mobilizamos o conceito de polêmica (aberta/velada) para analisar o modo como ocorre o embate entre posições axiológico-ideológicas que circulam nessa esfera religiosa cristã, as quais, a despeito de professarem, de modo geral, uma fé semelhante, manifestam valores e defendem pontos de vista divergentes, os quais são materializados em sua configuração estilístico-composicional.

A análise dos dados segue uma abordagem qualitativa, buscando compreender os efeitos de sentido decorrentes do (des)encontro – embate ideológico – entre o chargista e seu(s) outro(s) acerca do projeto enunciativo que desenvolve. Trata-se, ainda, de um estudo de natureza bibliográfica – uma vez que procedemos ao levantamento e à revisão de noções/conceitos da teoria que fundamenta o trabalho – e, também, documental, pois constitui uma fonte primária – coletada em ambiente digital – que ainda não recebeu tratamento científico ou analítico.

A pesquisa tem como materialidade verbovisual midiática o gênero postagem em Facebook com temática político-religiosa, produzida por um Pastor Protestante conhecido como João Paulo Berlofa em sua página do Facebook. Trata-se de uma página que aborda, na maior parte de seu conteúdo, assuntos relacionados à religião, numa perspectiva marcada por uma conotação carnalizada de forma parodística/sarcástica/irônica. Como está registrado no perfil, é uma página direcionada “Para quem se sente INADEQUADO para o sistema religioso convencional.”. Portanto, é comum o leitor acessar postagens cujo conteúdo é compartilhado em tons emotivo-volitivos atravessados pelo riso, pelo humor, pela irreverência.

Considerações em torno da noção de polêmica na perspectiva dialógica

O conceito de polêmica é abordado na obra de Bakhtin vinculado a uma outra noção mais ampla e mais densa: a de bivocalidade. Esse conceito, por sua vez, insere-se no escopo de uma discussão maior, que é sobre as relações dialógicas, embora seja a palavra bivocal o objeto de estudo daquilo que Bakhtin denomina de “metalinguística”. Segundo Bakhtin (2005), a palavra bivocal constitui o espaço de encontro de mais de uma consciência, isto é, lugar em que se inscrevem as várias vozes constitutivas do discurso. Entretanto, de forma específica, o discurso bivocal tem dupla direcionalidade, ou, conforme o próprio autor, “[...] aqui a palavra tem duplo sentido, voltado para o objeto do discurso enquanto palavra comum e para um *outro discurso*, para o *discurso de um outro*.” (BAKHTIN, 2005, p. 185, destaque do autor).

Bakhtin, ao desenvolver uma discussão sobre as formas de introdução do discurso de outrem no discurso autoral, debruça-se sobre vários fenômenos discursivos a partir dos quais concebe a tese do discurso bivocal. Dentre esses, chama a atenção para noções como estilização, paródia, *skaz*, diálogo, polêmica, réplica dialógica. Como recorte para a análise que faremos neste trabalho, centraremos nosso olhar na ideia de polêmica sem, no entanto, deixarmos de estabelecer as devidas relações entre os conceitos apontados, caso haja necessidade. Toda essa reflexão pode ser conferida em duas obras³ do autor: *Problemas da obra de Dostoiévski* (1929) e *Problemas da poética de Dostoiévski* (2005 [1969]).

Antes, porém, de adentrarmos na conceituação do termo, é pertinente destacar que Bakhtin, nas obras mencionadas, apresenta uma taxionomia dos tipos de discurso em três grandes grupos, de forma não exaustiva, dada a densidade das formas e modos de orientação centrada no discurso do outro. No primeiro e no segundo grupos, encontram-se, respectivamente, o discurso referencial (direto e imediatamente orientado para o seu referente) e o discurso objetificado (discurso da pessoa representada), ambos os grupos caracterizados como discursos monovocais, em que há a predominância da palavra do autor. O terceiro grupo, por seu turno, abrange uma série de fenômenos discursivos caracterizados pela presença do discurso do outro, razão pela qual é caracterizado como discurso bivocal.

Nosso intuito consiste, nesse sentido, em analisar as formas mediante as quais ocorre o diálogo entre enunciados nas situações sociais de interação socioverbal, destacando como a polêmica constitui uma dessas formas que mobilizamos para refletir sobre a tensão entre forças centrífugas e centrípetas da vida verboideológica, tarefa urgente e necessária no contexto sócio-histórico, político e cultural contemporâneo.

A polêmica velada⁴ ocorre quando, de forma não (tão) ostensiva, o autor do enunciado imprime uma apreciação a um determinado objeto de discurso que já se encontra valorado por outra instância axiológica, um outro ponto de vista acerca daquilo que se enuncia, revestido de outros acentos apreciativos (FRANCELINO, 2021). Há, nesse caso, um discurso em que se ouvem duas vozes, com matizes entonacionais valorativos diferentes. Na polêmica, dois centros de valores – ou duas consciências – se encontram (convergindo ou se repelindo), cada um(a) com sua visão de mundo acerca do tema sobre o qual enuncia. De acordo com Bakhtin (2005, p. 196, grifo nosso):

3 O texto de 1969 constitui uma versão ampliada do texto apresentado em 1929.

4 Bakhtin não desenvolveu exaustivamente esse conceito, restringindo-se a apresentá-lo no escopo da discussão que tece sobre a terceira variedade (tipo ativo ou discurso refletido do outro) do discurso bivocal (ou discurso orientado para o discurso do outro), conforme podemos encontrar no manuscrito “Problemas da poética de Dostoiévski” (1963).

[...] a polêmica velada está orientada para um objeto habitual, nomeando-o, representando-o, enunciando-o, e só indiretamente ataca o discurso do outro, entrando em conflito com ele como que no próprio objeto. Graças a isto, o discurso do outro começa a influenciar de dentro para fora o discurso do autor. É por isso que o discurso polêmico oculto é bivocal, embora, neste caso, seja especial a relação recíproca entre as duas vozes. A ideia do outro não entra “pessoalmente” no discurso, apenas se reflete neste, determinando-lhe o tom e a significação. O discurso sente tensamente ao seu lado o discurso do outro falando do mesmo objeto [...].

De acordo com o pensamento de Bakhtin, o discurso autoral inscreve necessariamente o outro em sua materialidade, suscitando-o indiretamente a um embate cujo reconhecimento e compreensão, por parte do leitor, é possível por meio do conhecimento compartilhado (ou presumido, na visão de Volóchinov, 2013). Se considerarmos o momento sócio-histórico que vivenciamos atualmente, esse aspecto do compartilhamento do entorno é crucial porque o sujeito compartilha um contexto saturado de discursos polarizados em virtude das posições axiológicas que compõem a arena enunciativa.

O modo como os enunciados se constituem e se organizam estilística e composicionalmente no corpo social resulta da forma como eles são refratados por seu autor, que se representa discursivamente como um sujeito responsável por seu ato único e singular de responder ativamente às valorações que vão se impregnando nos fios dos enunciados que lê/vê/ouve (FRANCELINO, 2021). Sua função primordial, nesse sentido, é a de desvelar esses fios, compreendendo como duas consciências formulam seus juízos de valor acerca do mesmo objeto de que falam. É como se o discurso estivesse sempre olhando para seu outro, ou como diz Bakhtin (2005, p. 209), um discurso com mirada em torno:

É como se no discurso estivesse encravada a réplica do outro, que, diga-se de passagem, inexistente de fato, mas cuja ação provoca uma brusca reestruturação acentual e sintática do discurso. A réplica do outro inexistente, mas projeta sua sombra e deixa vestígios sobre o discurso, e essa sombra e esse vestígio são reais.

A polêmica velada caracteriza-se, nessa concepção, como um fenômeno de linguagem de natureza tensa/conflituosa, em que se podem notar, tanto nos arranjos da composição e do estilo – das formas gramaticais mobilizadas, do léxico selecionado – quanto nos tons emotivo-volitivos e acentos apreciativos, a influência hostil que esse discurso provoca na consciência do sujeito que também fala do mesmo objeto. É como Bakhtin (2005, p. 196) diz:

[...] na polêmica velada o discurso do outro é repellido e essa repelência não é menos relevante que o próprio objeto que se discute e determina o discurso do autor. Isso muda radicalmente a semântica da palavra: ao lado do sentido concreto surge um segundo sentido – a orientação centrada no discurso do outro. Não se pode entender de modo completo e essencial esse discurso, considerando apenas a sua significação concreta direta. O colorido polêmico do discurso manifesta-se em outros traços puramente linguísticos: na entonação e na construção sintática.

Tecidas essas considerações sobre o conceito de polêmica velada, propomos a análise dialógica do enunciado seguinte, com o objetivo de demonstrar como essa noção demanda, nos nossos dias, de forma premente, a necessidade de uma leitura crítico-reflexiva dos eventos históricos brasileiros, de modo a observar com a maior clareza possível a ambivalência dos posicionamentos axiológicos de uma época inscritos num mesmo enunciado acerca de um (mesmo) objeto de discurso.

Análise dialógica da polêmica em postagem de Facebook

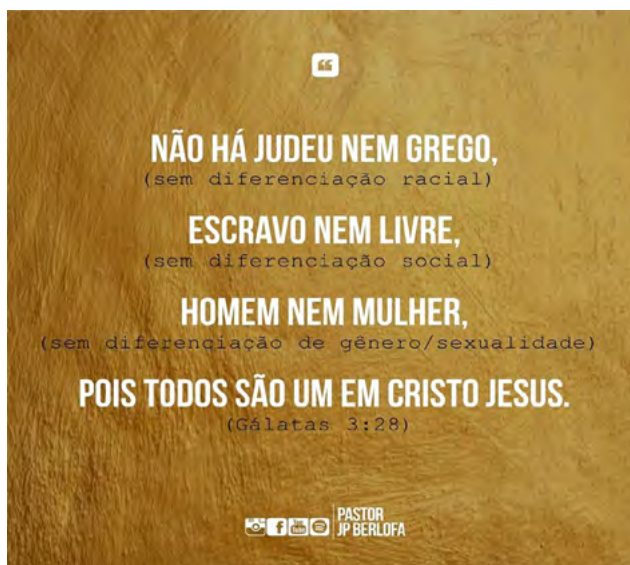
Os enunciados selecionados para análise foram publicados na página do autor, o Pastor evangélico João Paulo Berlofa (JP Berlofa) em sua rede social Facebook. O contexto de produção, circulação e recepção desses enunciados é o do momento histórico-social do Brasil, cujo projeto de governo alinha-se a uma perspectiva neoliberal do ponto de vista econômico, com elementos de autoritarismo marcados por tentativas sistemáticas de agressão verbal contra a oposição, contra a imprensa e outros segmentos, falta de decoro em relação ao cargo. Tudo isso foi agravado pelo contexto de crise sanitária em que inexiste uma política pública de saúde eficiente para controle da pandemia de coronavírus Sars-Cov-2, mas, pelo contrário, um discurso negacionista, anticientífico propalado pelo governo do atual presidente Jair Messias Bolsonaro.

Nesse contexto, ainda, e é o motivo da análise a ser empreendida aqui, há o componente religioso como mola propulsora de uma aliança entre Estado e Religião Cristã (Católica e Evangélica) cujos resultados têm sido alvo de inúmeras polêmicas, uma vez que há um apoio significativo e maciço de uma ala da igreja cristã brasileira à política desenhada e implementada pelo governo vigente. A análise que segue constitui uma leitura desse momento de tensão entre discursos no âmbito do próprio segmento cristão, particularmente, o evangélico (ou protestante). O enunciado a seguir é a materialidade sobre a qual nos debruçaremos para analisar os embates ideológicos que se instauram nessas relações dialógicas.

Como critério de delimitação de dados, selecionamos o enunciado a seguir pelo fato de, primeiramente, contemplar a temática que nos interessa de imediato, ou seja, a interface política e religião; e, em segundo lugar, nos chamou a atenção o fato de ser um texto que traz literalmente um fragmento da escritura judaico-cristã intercalado com a voz do

sujeito produtor da postagem. Essa inserção literalmente parentética da voz do Pastor cria um efeito de contrapalavra, de reação a uma palavra monológica inscrita no texto sagrado, mas que possivelmente não faz parte dele, como veremos na análise; pelo contrário, trata-se de uma palavra (im)posta pelo(s) outro(s) com o(s) qual(is) o autor trava uma interação polêmica.

Enunciado 1. Postagem do Pr. João Paulo (JP) Berlofa em sua página no *Facebook*



Fonte: <https://www.facebook.com/pastorjpberlofa/photos>

Enunciado 2. Reflexão explicativa baseada na postagem

Judeu nem grego!

Para os judeus, que se achavam o “povo escolhido”, os gregos ou outro povo de qualquer outro lugar, eram considerados gentios, ou seja, um povo sem Deus, um povo que está em segundo lugar no *ranking* de queridinhos do Eterno. Um povo racista e xenofóbico.

Escravo nem livre!

Para os judeus, que ainda viviam uma escravatura, mesmo que muito diferente do conceito de escravidão que nós temos, eles enxergavam os escravos como uma classe subjugada, menos importante, menos inteligente, menos abençoada. Um povo elitista e classista.

Homem nem mulher!

Para os judeus, a cultura mais machista de que temos informações, as mulheres eram literalmente comparadas a cachorros. As leis civis daquela época eram feitas para torturar as mulheres e defender os homens. Uma cultura machista e feminicida.

Mas em Jesus algo novo é acrescentado – o “Não há”!

Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher; pois todos são um em Cristo Jesus. (Gálatas 3:28)

Quer saber se uma igreja trabalha nos parâmetros cristãos ou nos parâmetros de uma cultura racista, classista e machista? Olhe para a liderança eclesial que compõe essa igreja. Os pastores, presbíteros, conselheiros e etc. Se esse corpo for formado majoritariamente por homens, brancos e todos dentro de uma mesma classe social, você já tem sua resposta.

Fonte: Pr. João Paulo Berlofa. Disponível em: <https://www.facebook.com/pastorjpbberlofa/photos>

O primeiro enunciado é constituído de uma materialidade verbal com frases escritas em letras maiúsculas brancas, em tamanho legível, sobre um fundo de cor predominantemente alaranjada. Abaixo de cada frase, aparece uma frase nominal entre parênteses, em letras pretas, numa fonte mais discreta. As letras brancas consistem em um texto da Bíblia judaico-cristã, mais particularmente, de uma passagem do Novo Testamento, da epístola de Paulo aos cristãos da Galácia (Carta aos Gálatas), capítulo 3 e versículo 28.

Neste fragmento, o objetivo central do apóstolo Paulo era conscientizar aquela comunidade cristã de que os rituais simbólicos da Antiga Aliança (ou Antigo Testamento), especificamente a circuncisão⁵, não tinham mais efeito salvífico, pois a obra redentora do Cristo – o seu sacrifício na cruz – era suficiente para a salvação dos que criam, elevava a todos à condição de filhos de Deus e anulava definitivamente todas as distinções que existiam, pois Cristo torna todos um. Tem-se, portanto, uma perspectiva niveladora, includente e alteritária, uma vez que Paulo apresenta uma teologia integradora, em que as diferenças são dissipadas. Segundo Rocha (2010, p. 61-62),

O que Paulo estava desejando, e para isto direciona sua argumentação, era a unidade eclesiológica das comunidades através da questão soteriológica, baseada na promessa acessada pela fé em Cristo Jesus. A questão é que existiam empecilhos assimétricos de diversas naturezas que ameaçavam a

5 A circuncisão, evento bastante recorrente nas narrativas veterotestamentárias, consiste em uma cerimônia em que se pratica a retirada cirúrgica do prepúcio dos homens como sinal de inclusão na comunidade judaica (BOYER, 2009). De acordo com registros de Moisés, o ato fisiológico da circuncisão foi instaurado por Deus como sinal do concerto com o primeiro patriarca, Abraão: “Esta é a minha aliança, que guardareis entre mim e vós, e a tua descendência depois de ti: Que todo o homem entre vós será circuncidado. E circuncidareis a carne do vosso prepúcio; e isto será por sinal da aliança entre mim e vós” (Gn. 17:10,11). Pontuam Vine, Unger e White Jr. que “Tratava-se de um corte permanente do prepúcio do órgão masculino e, como tal, era uma lembrança da perpetuidade a esse concerto, em que todo o filho homem devia ser circuncidado no oitavo dia” (VINE; UNGER; WHITE JR., 2002, p. 70).

proposta de uma igreja una. Em Gálatas 3.28, Paulo enumera pelo menos três categorias assimétricas (étnico-religiosa, social e de gênero) onde existia a lógica do supostamente privilegiado em detrimento do outro, inferiorizado na relação.

Nesse sentido, Paulo escreve essa epístola aos gálatas com um intuito discursivo de contraposição ao ensino disseminado naquela comunidade por um grupo de mestres cristãos chamados de judaizantes, cujo ensino destoava daquele difundido por Paulo e, como o próprio nome denota, enfatizava a observância aos rituais da lei mosaica como forma de salvação, afrontando, assim, a autoridade apostólica de Paulo, que considerava a posição desses mestres como legalismo anticristão. Para o apóstolo, aqueles cristãos já estavam em processo de deserção do evangelho autêntico (na perspectiva de Paulo). É nessa matriz dialógica que lemos os enunciados, considerando que eles se (re)encontram no tempo e no espaço, produzindo deslocamentos de sentidos. Em outras palavras, conforme Bakhtin (2010 [1930-1934], p. 89),

Todo discurso é orientado para a resposta e ele não pode esquivar-se à influência profunda do discurso da resposta antecipada [...] Ao constituir-se na atmosfera do “já-dito”, o discurso é orientado ao mesmo tempo para o discurso-resposta que ainda não foi dito, discurso, porém, que foi solicitado a surgir e que já era esperado. Assim é todo diálogo vivo.

Nesse sentido, não existe discurso que não seja manifestação de uma posição valorativa em relação a outros discursos. O diálogo entre os enunciados na cadeia da comunicação discursiva é, portanto, constitutivo.

Voltando à materialidade do enunciado em análise, verificamos, na primeira linha, a expressão “não há judeu nem grego, (sem diferenciação racial)”. O intuito discursivo do apóstolo Paulo, seguindo seu projeto enunciativo, era o de convencer os cristãos daquela comunidade de que a adesão à fé no Cristo do Calvário era extensiva a todas as pessoas, sem distinção de raça: tanto o judeu (povo para o qual, inicialmente, Cristo teria vindo) quanto o grego (ou “gentio”, numa referência a todo povo não judeu) foram alvos da graça divina e, na ótica de Cristo, todos são iguais sem nenhum tipo de discriminação.

O acréscimo ao texto bíblico, pelo autor da postagem, aparece entre parênteses (“sem diferenciação racial”), valorando o enunciado sagrado ao reiterar a não predileção de Deus, na figura de Cristo, por uma única raça. No âmago dessa discussão sobre a inexistência de diferenciação entre raças para estabelecimento da igualdade entre os homens, Paulo, ao escrever à Igreja de Roma (Corinto, 60-58 d.C.), estabelece uma discussão teológica sobre a isonomia entre judeus e gregos: “Qual a vantagem do judeu? Ou qual a utilidade da circuncisão?” (Rm. 3.1). E após projetar discursos sobre a indistinção humana, continua: “É porventura Deus somente Deus dos judeus? Não o é também dos gentios? Também dos gentios, certamente. Visto que Deus é um só, o qual justificará, por meio da fé, os da

circuncisão e os da incircuncisão” (Rm. 3.29-30). Em mesma epístola, em seu décimo capítulo, o remetente da carta assim circunscreve seu posicionamento: “Portanto, não há distinção entre judeus e gentios, pois o mesmo Senhor é Senhor de todos e abençoa ricamente todos os que o invocam” (Rm. 10.12).

O fragmento NÃO HÁ JUDEU NEM GREGO é reenunciado no comentário construído por Berlofa que vem logo após a imagem. Nele, o autor faz a seguinte afirmação:

Judeu nem grego! Para os judeus, que se achavam o “povo escolhido”, os gregos ou outro povo de qualquer outro lugar, eram considerados gentios, ou seja, um povo sem Deus, um povo que está em segundo lugar no *ranking* de queridinhos do Eterno. Um povo racista e xenofóbico.

A entonação valorativa é visível logo no uso das aspas na expressão “povo escolhido”, numa remissão a um aspecto doutrinário do cristianismo registrado, principalmente, no evangelho de João, capítulo 1, versículo 11⁶, segundo o qual Cristo fora enviado para os judeus, que o rejeitaram. No comentário, o enunciador autor da postagem reitera o posicionamento axiológico paulino, mas ironiza um comportamento reprovável enraizado em nossa sociedade, potencializado no contexto político atual, que é a discriminação racial, numa crítica contundente a uma postura racista e xenofóbica por parte de muitas pessoas, conforme ele mesmo registra em suas escolhas lexicais. Com isso, o autor sinaliza uma reacentuação sobre o enunciado do apóstolo Paulo. Sobre essa possibilidade, ensina Bakhtin (2011, p. 294-295, grifo nosso) que

Nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados (inclusive as obras criadas) é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância. *Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o tom valorativo que assimilamos, reelaboramos e reacentuamos.*

Nesse fragmento, ainda chama a atenção do leitor o tom emotivo-volitivo crítico que se faz ver na forma diminutiva do adjetivo “querido” (“queridinho”), que ironiza a postura xenofóbica de certos segmentos sociais que segregam, numa referência ao povo judeu, povo escolhido por Deus, na versão veterotestamentária (o judeu se considerava povo eleito, filho da promessa, limpo, separado, puro, escolhido, especial e santo). Isso se contrapõe à Nova Aliança (ou Novo Testamento), em que o povo escolhido deixa de ser exclusivo para dividir espaço com o “grego” (referência ao “gentio”, ou seja, qualquer nacionalidade que não seja judia, portanto, povo pagão e impuro, a parte não privilegiada, inferiorizada).

6 “Veio para o que era seu, mas os seus não o receberam.” (A BÍBLIA SAGRADA, 2007, p. 1483).

A segunda parte do enunciado é o segmento “escravo nem livre (sem diferenciação social)”. A argumentação do discurso paulino é de que a igualdade conquistada em Cristo é incompatível com a prática de discriminação social entre o escravo e o senhor (MACDONALD, 2008), numa tentativa de mostrar a seus leitores que nenhuma distinção humana serve como vantagem quando se trata da doutrina da salvação, embora reconheça que ela [a diferença] exista. Ao analisar exegeticamente a epístola de Paulo à Igreja da Galácia, Dake (2012, p. 1682) afirma que, sob os moldes dessa narrativa, “Todas as raças, classes e sexos são um em Cristo e iguais em direitos e privilégios em relação aos benefícios do evangelho”. Nesse instante em que Paulo registra seu posicionamento sobre não haver escravo nem livre, é possível perceber relações dialógicas com outros escritos neotestamentários (I Cor. 12. 13, 28-31; Ef. 1. 20-23; 2. 19-22).

Esse fragmento é ampliado com mais elementos valorativos apresentados na seguinte explicação:

Escravo nem livre!

Para os judeus, que ainda viviam uma escravatura, mesmo que muito diferente do conceito de escravidão que nós temos, eles enxergavam os escravos como uma classe subjugada, menos importante, menos inteligente, menos abençoada. Um povo elitista e classista.

Nesse excerto, o autor reenuncia o texto bíblico a partir da posição axiológica que assume desde o início de seu enunciado, acentua o argumento bíblico da epístola paulina com uma valoração que nos reporta ao contexto histórico e político contemporâneo, numa menção polêmica a seus interlocutores apoiadores da política vigente no país, que consolida uma classe social mantenedora de seus privilégios e que se distancia cada vez mais dos outros segmentos sociais, aumentando de forma ostensiva o abismo da divisão social brasileira, portanto, “um povo elitista e classista”.

Acerca da atual conjuntura política brasileira, que vive em constantes diálogos com práticas disciplinares e autoritárias de parte das instituições eclesiais (EL PAÍS, 2020), recorremos a Safatle, em palestra intitulada “Brasil: entre o esgotamento do populismo e a reinstauração institucional”⁷, o qual afirmou que “o Brasil nunca conheceu nada parecido em nenhum outro período de sua história. Não há nenhum momento que seja minimamente similar ao que ocorre agora. Vivemos agora um período de profundo esgotamento” (SAFATLE, 2018). Tal esgotamento não consiste na culminância de um *modus operandi* recente, mas, conforme outrora apontado por Silveira e Santana (2018, p. 19), “deve-se, sobretudo, a (des)contínuas práticas disciplinares de manifestação do poder advindas de épocas remotas”.

7 Palestra proferida no dia 14 de março de 2018, no Centro de Cultura e Eventos da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Assim como os enunciados são atravessados por discursos em eventos dialógicos, o poder se manifesta em rede permeando práticas e dizeres, o que nos leva a verificar como a atualização da temática do escravo e do livre (Gl. 3. 28) se involucra com vestes de oficialidade: há uma tentativa de deslegitimar quem não se reveste com os padrões oficiais da Igreja e quem é destituído de tais práticas é rotulado como subalterno discriminado, distinto. O povo elitista e classicista consiste nos religiosos que enxergam em si mesmos ar de superioridade diante de seu outro e promovem táticas de silenciamento, subjugação e demarcação de classe social.

Em relação à expressão “homem nem mulher”, o enunciado paulino traz em sua base uma relação dialógica com alguns discursos, estabelecendo com eles uma contraposição. Na cultura judaica, havia uma grande disparidade entre os direitos do homem e os da mulher. Um homem podia fazer uma série de atos que não eram permitidos à mulher, tais como: raspar a cabeça e rasgar as roupas na hora do luto; impor o voto de nazirato⁸ a seu filho; ser cortado por causa do nazirato de seu pai; desposar sua filha; vender sua filha, dentre outros direitos. A propósito, existia uma forma judia de oração matutina, da qual Paulo, como homem experimentado na doutrina e cultura judaicas teria praticado durante toda sua época pré-cristã, em que o judeu, em ações de graças, agradece a Deus por não tê-lo feito pagão, escravo ou mulher, exatamente as três condições a que Paulo faz referência sobre o novo modo de vida em Cristo, que contrapõe de vez esse posicionamento axiológico, isto é, a diferença, a discriminação, a segregação estão abolidas.

No que diz respeito às práticas punitivas que eram atribuídas a homens e mulheres, Jesus quebra com paradigmas vigentes nas entrelinhas do Antigo Testamento bíblico. Além do momento em que Jesus se relevou como Messias para a mulher samaritana (rompendo com a norma de que judeus e samaritanos não podiam dialogar entre si), João registra, também, o evento em que Jesus perdoou a mulher que foi flagrada em adultério:

Jesus foi para o monte das Oliveiras. Ao amanhecer, ele apareceu novamente no templo, onde todo o povo se reuniu ao seu redor, e ele se assentou para ensinar. Os mestres da lei e os fariseus trouxeram-lhe uma mulher surpreendida em adultério. Fizeram-na ficar em pé diante de todos e disseram a Jesus: “Mestre, esta mulher foi surpreendida em ato de adultério. Na Lei, Moisés nos ordena apedrejar tais mulheres. E o senhor, que diz?”. Eles estavam usando essa pergunta como armadilha, a fim de terem uma base para acusá-lo. Mas Jesus inclinou-se e começou a escrever no chão com o dedo. Visto que continuavam a interrogá-lo, ele se levantou e lhes disse: “Se algum de vocês estiver sem pecado, seja o primeiro a atirar pedra nela”. Inclinou-se novamente e continuou escrevendo no chão. Os que o ouviram foram saindo, um de cada vez, começando com os mais

⁸ Nazirato: relativo a narizeu, aquele que devia abster-se de ingerir certos alimentos e bebidas, cortar cabelo, tocar em cadáveres, não comer carne em algumas circunstâncias.

velhos. Jesus ficou só, com a mulher em pé diante dele. Então Jesus pôs-se de pé e perguntou-lhe: “Mulher, onde estão eles? Ninguém a condenou?”, “Ninguém, Senhor”, disse ela. Declarou Jesus: “Eu também não a condeno. Agora vá e não peques mais”. (JOÃO 8:1-11).

A narrativa de João, em seu evangelho, demonstra como Jesus se posicionou firmemente contra o sistema político-religioso farisaico vigente, ao permitir que aquela mulher fosse embora sem ser apedrejada, em um momento histórico em que, segundo a lei mosaica, as mulheres flagradas em adultério deveriam ser punidas com o apedrejamento (Lev. 20, 20; Dt. 21. 21; Ez. 16, 38-40). Então, ao reafirmar que não há diferenciação entre homem e mulher, Paulo potencializa a carga semântica dos discursos outrora proferidos por Jesus.

O texto verbal do Pr. JP Berlofa que segue com a retomada do segmento frasal reenuncia-o em um tom emotivo-volitivo que amplia o posicionamento axiológico do projeto enunciativo paulino, apoiando-se, agora, não apenas nos referenciais teológicos, mas também nas discussões mais recentes acerca das questões de gênero e sexualidade da contemporaneidade. Essa ideia é possível a partir das escolhas lexicais operadas pelo enunciador, em expressões, tais como, “cultura machista”, “mulheres eram literalmente comparadas a cachorros”, “leis civis [...] feitas para torturar as mulheres e defender os homens”, “cultura machista e feminicida”. Nota-se, nesses fragmentos, uma entonação expressiva que valora o tratamento dado às mulheres num contexto de uma sociedade e cultura consideradas machista, torturadora de mulheres e feminicida.

No enunciado bíblico, Paulo alude à nova condição que a mulher conquistara na expressão de sua fé em Cristo, libertando-se de um jugo, de uma opressão imposta pela tradição judaica da lei mosaica. O Pastor JP Berlofa, entretanto, não se limita a essa compreensão e expande sua refração do enunciado, convocando um discurso muito atual na nossa sociedade que é o da cultura do feminicídio, uma prática de violência contra a vida da mulher provocada por homens motivados por ódio, desprezo ou sentimento de perda do controle e da propriedade sobre a mulher, muito comum numa sociedade caracterizada pela discriminação da figura feminina.

Essa valoração denota um alinhamento às reflexões sobre gênero, fazendo com que esse segmento evangélico adote uma posição axiológica progressista e, por isso mesmo, algumas vezes, seja alvo de um discurso igualmente discriminatório ao assumir uma pauta muito presente nos discursos de ideologia de esquerda nos campos político e social da nossa sociedade.

Considerações relativamente finais

Os enunciados do autor Pastor JP Berlofa estabelecem uma polêmica, na leitura do próprio texto bíblico sobre esse tema, com o discurso da igreja cristã que elegeu e apoia a conjuntura política e histórico-social vigente no país, gerando uma contrapalavra ou um contradiscurso dentro do próprio segmento cristão.

Existe, aí, um ato de resistência, de desobediência, que vai na contramão daquilo que parte significativa da considerada igreja evangélica brasileira hoje professa em termos políticos. Esse grupo que se insurge/rebela contra esse *status quo* acaba sendo alvo de duros ataques, de atos de intolerância fartamente demonstrados nas querelas da grande arena virtual das principais redes sociais desses usuários.

Encerramos essas considerações com as palavras de Rocha (2010, p. 96), que explicam com muita consistência o projeto paulino e, refletido e refratado nos enunciados em análise, como também querem e defendem os insubmissos e insurgentes cristãos considerados progressistas (ímpuros, ilegítimos):

A presença da pessoa de Cristo, oferecida tanto a judeus e gregos, escravos e livres, homens e mulheres, com uma nova identidade, distinta da que a cultura lhes oferecia, pois seriam agora todos indistintamente filhos de Deus pela “fé” e “um em Cristo Jesus”, constitui um avanço nas relações em todos os sentidos e abre diálogos, provocando reflexões ao mesmo tempo em que dá aos mais renegados (gregos, escravos e mulheres) uma nova perspectiva étnico-religiosa, social e de gênero. Uma mudança na forma de enxergar a própria vida, uma nova perspectiva sob novos parâmetros para existir.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoievski*. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

BAKHTIN, M. *Teoria do romance I: a estilística*. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2015.

BAKHTIN, M. O discurso no Romance. In: BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética*. A teoria do romance. Equipe de tradução (do russo) Aurora Fornoni Bernardini, José Pereira Júnior, Augusto Góes Júnior, Helena Spryndis Nazário e Homero Freitas de Andrade. 6. ed. São Paulo: Editora Unesp/Hucitec, 2010b [1934]. p. 71-210.

BAKHTIN, M. M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento – o contexto de François Rabelais*. 7. ed. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Editora Hucitec, 2010 [1965].

BÍBLIA SAGRADA (Bíblia de Jerusalém) Nova edição, revista e ampliada. Tradução do texto em língua portuguesa diretamente dos originais. Revisão exegética – Gilberto da Silva Gorgulho *et al.* São Paulo: Paulus Editora, 2002.

BOYER, O. *Pequena enciclopédia bíblica*. Rio de Janeiro: CPAD, 2009.

DAKE, F. J. Prefácio e comentários à Bíblia de Estudo DAKE. *Bíblia de Estudos Dake*. Tradução de Freitas *et al.* 2. ed. Belo Horizonte; Editora Atos, 2012.

EL PAÍS. *Debate sobre cristofobia é estratégico para candidaturas ultraconservadoras, avalia pesquisador*. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-09-28/debate-sobre-cristofobia-e-estrategico-para-candidaturas-ultraconservadoras-avalia-pesquisador.html>. Acesso em: 25 ago. 2021

FRANCELINO, P. F. No(s) (des/re)encontro(s) das vozes, a construção dialógica da polêmica em enunciados de temática político-religiosa. *Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso*, [S. l.], v. 16, n. 2, p. 200-220, 2021. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/48687>. Acesso em: 15 set. 2021.

MACDONALD, W. *Comentário bíblico popular do Novo Testamento – versículo por versículo*. Tradução de Alfred Poland *et al.* São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

ROCHA, A. L. *Unidade alteridade na mensagem de Gálatas 3.26-28*. 2010. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

SAFATLE, V. *A ditadura militar nunca terminou, nunca foi vencida*. Disponível em: <https://noticias.ufsc.br/2018/03/vladimir-safatle-na-ufsc-a-ditadura-militar-no-brasil-nunca-terminou-nunca-foi-vencida/>. Acesso em: 20 ago. 2021.

SILVEIRA, É L.; SANTANA, W K F de. Ressonâncias da ditadura no Brasil: (tentativas de) opressão e silenciamento. In: SILVEIRA, É. L.; SANTANA, W. K. F. de. (org.). *Ecos (dialógicos) da ditadura no Brasil*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2019.

VINE, W. E.; UNGER, M F.; WHITE JR., W. *Dicionário VINE: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento*. Traduzido por Luís Aron de Macedo. 17. impr. Rio de Janeiro: Ed. CPAD, 2013.